

que se manifestam no meio circundante, sem abrir mãos de suas funções mais fundamentais” (p. 13).

Notas

- ¹ JANKOWSKI, B. *Les gangs aux États-Unis Bilan des recherches*. Relatório de Pesquisa, 1992. (mimeo)
- ² DUBET, F., LAPEYRONNIE, D. *Les quartiers d'exil*. Paris: Seuil, 1992. cap. 6. La galère.
- ³ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Editores Associados/ANPOCs, 1996
- ⁴ SILVA, Hélio R. S., MILITO, Cláudia. *Vozes do meio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- ⁵ BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: MICELLI, Sérgio (org.). *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva: 1982b

Manoel Rodrigues Portugues
Mestrando - Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. *Os jovens na escola noturna: uma nova presença*. São Paulo. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

A tese de doutorado de Maria Ornélia Marques procura entender as novas formas de socialização e sociabilidade dos jovens das classes trabalhadoras moradoras da periferia das grandes cidades brasileiras e estudantes da escola noturna, partindo de uma compreensão ampla (das diversas formas de construção da identidade)

e não mais comparando-os aos movimentos juvenis da década de 60. Para tanto, procurou traçar um perfil do aluno-trabalhador (de quinta à oitava série) de uma escola pública de 1º e 2º graus de três turnos de ensino da periferia de Salvador, por meio da compreensão da relação desse aluno com a escola, o trabalho, a família, a cultura, o lazer, sua expectativa, aspirações e como está sendo construída sua identidade desses múltiplos espaços.

No decorrer do texto vão sendo confirmadas as seguintes hipóteses:

1) A escola pública hoje não é mais freqüentada — como se pensava até então — por adultos-trabalhadores e sim por jovens trabalhadores. Os dados mostram que a grande maioria dos estudantes do período noturno pesquisado está na faixa de 14 a 24 anos, jovens que se inserem no mercado de trabalho não só por uma questão de pobreza material, mas também porque pelo trabalho passam a ser respeitados e a ter autonomia em relação ao adulto, criam um novo espaço de convivência, possibilidades de fazer novas amizades, ampliam os horizontes de conhecimento, podem consumir os bens culturais que os identificam enquanto jovens, etc.

Esses jovens que se inserem no primeiro momento no mercado de trabalho informal estão sempre oscilando entre o trabalho e a escola, pois, mantém com o primeiro uma relação de relativa responsabilidade e autonomia. Porém, tem como norte o trabalho formal para o qual a escola será um trampolim.

A escolha do período noturno na maioria das vezes se dá antes mesmo de se ter um trabalho e as causas principais são a repetência e o abandono da escola diurna.

2) O mundo do trabalho não é mais uma referência central para

analisar esses jovens-trabalhadores. A autora argumenta que as análises que colocaram o trabalho como referência central da análise da sociedade, seja apontando um caráter positivo ou negativo na sua grande maioria tiveram como objeto um trabalhador abstrato. Partindo sempre de grandes categorias sociais, não levando em consideração o que há de mais específico no trabalhador, seus desejos, aspirações, expectativas, suas formas de socialização e sociabilidade no e pelo trabalho, suas relações com a escola e com a sociedade mais ampla (família, lazer, saúde, etc.).

Além do mais há uma grande parcela de jovens desempregados ou subempregados no mercado informal de trabalho o que dificulta uma análise desses jovens a partir do trabalho formal.

3) Os jovens procuram a escola como forma de “melhorar a vida” e a mesma propicia situações de afirmação de identidade.

Os jovens subvertem a ordem da escola, ou seja, conseguem transformá-la em “locus” de sociabilidade, onde criam uma rede significativa de contatos e aprendizado (de grande peso na formação de sua identidade) e ainda essa escola representa a possibilidade de credenciá-lo (via “diploma”) para um trabalho melhor no futuro — uma vez que o mercado de trabalho tem exigido cada vez mais um alto grau de escolarização. O conteúdo das aulas é desprezado, talvez porque esses estejam distantes da realidade cotidiana do educando.

A autora parte do princípio que a função da escola — formar o cidadão através da socialização dos conhecimentos e habilidades básicas que possibilitem a decodificação das informações e valores transmitidos ao educando no seu cotidiano; habilitá-los para a participação ativa

e crítica na vida social e política não está sendo cumprida, pois a chamada democratização da educação ocorrida a partir da década de 70 acabou por expandir uma caricatura da escola. A escola recebeu novos usuários com as velhas estruturas, ou seja, não se adequou à expansão; criou formas de atendimento que não deram conta de atender com qualidade os novos usuários.

Uma vez não cumprindo a sua função a escola acaba sendo apropriada pelos alunos que fazem com que ela cumpra o papel de espaço relativamente barato de sociabilidade. Os educandos criam uma rede de ligações, amizades, aprendizado, solidariedade, mas sempre entre eles, é como se eles pudessem ter uma relação nula com os funcionários, professores, conteúdos programáticos, com as regras escolares, enfim com tudo que diz respeito a instituição escolar.

Por fim o texto termina apontando a necessidade de escola encontrar novas funções, canalizando a energia do jovem, seu poder de subverter a ordem escolar, de criar novas experiências independentes das instituições.

Maria Socorro G. Torquato
Mestranda - Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo

NAKANO, Marilena. *Jovens: vida associativa e subjetividade - um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1995.

Com este trabalho, a autora procura pensar o processo de socialização de jovens, em um ambiente que pode ser considerado difícil dadas as precárias condições

de infra-estrutura e situações permanentes de violência. Trata-se do Jovem Oratório, a maior favela de Mauá, região da Grande São Paulo.

À primeira vista, o local é caracterizado por dois mundo bem delineados: os atores da urbanização da favela, composto por três associações de moradores — a Sociedade Amigos de Bairro (SAB), a União Popular e a Comissão da Terra, todas com protagonistas diferentes e perspectivas distintas e o mundo da violência. Um primeiro dado instigante está exatamente no fato dos jovens não se engajarem com afinco no primeiro e na existência de razões que levam alguns poucos a buscarem o segundo.

O cotidiano do Jardim Oratório, no entanto, não está marcado unicamente pelo mundo da violência e pela ação do movimento de urbanização da favela. Diferente formas associativas bem particulares coexistem naquele local, integrando vários jovens. Tais formas associativas vão além dos limites da família e da casa, verificando-se entre os próprios jovens e entre instituições interferências recíprocas, visto que a “socialização não é um processo unilateral... É um processo recíproco, visto que afeta não afeta o indivíduo socializado, mas também os socializantes.” (Berger, Peter e Brigitte. In: Foracchi, Marialice e Martins, José de S., 1977).

Partindo da idéia de que a juventude é sensível à crise social — exatamente por não estar inserida no mundo adulto — crescer nas condições de vida proporcionadas pelo Jardim Oratório sem dúvida não é algo simples. Para entender como se dão tais processos, foi necessário enveredar pelas diferentes formas associativas que esses jovens se mostraram capazes de produzir: ao se unirem em grupos, eles compartilham valores, questionando

assim os fundamentos sociais da compreensão adulta de mundo; processo esse que se dá exatamente no contato com esse mundo adultos, ou seja, é com os adultos que os jovens aprendem a ser adultos (Foracchi, 1972). O problema da pesquisa foi, então, pensar quais as possibilidades dos jovens desenvolverem ações e se constituírem coletivamente como sujeitos, já que pareceu-nos ser uma hipótese inicial da autora a possibilidade de “ruptura e recuperação do sentido social através de uma práxis inovadora” (p.11) por parte desses jovens. Nesse sentido, foram levantados processos combinados de socialização e dessocialização, envolvendo jovens e algumas instituições.

A autora estudou a primeira geração de jovens do Jardim Oratório, nascida no local entre fins da década de 70, início da de 80, ou vinda para lá ainda criança. Para entendê-la, a autora considera importante começar por entender sua infância.

“As experiências posteriores [desses jovens] são sobrepostas às impressões básicas, formando outros estratos, e tendem a receber seu significado do primeiro, quer apareçam como confirmação, quer como sua negação e antítese.” (Abramo, 1994)

Para estudar os vários grupos de jovens a autora fez um recorte contendo grupos localizados em espaços circunscritos, mediados e tutelados por instituições como a Igreja Católica ou a família; grupos montados a partir de objetivos específicos como aprender tricô ou tocar violão e grupos voltados para “fora”, para a exibição e representação do local em que vivem, como os rapazes do futebol ou da escola de samba.